

A Intenção entre a Equipa e o Método

Mario Ortega¹; Helder Casal Ribeiro²

1 Student at Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

2 Assistant Professor Faup; Researcher CEAU - FAUP Group Atlas da Casa - Identidade e Transferência

O presente artigo, a partir do concurso Queen Elizabeth Olympic Park's Culture & Education Quarter propõe uma análise crítica e reflexiva sobre o trajecto projectual de uma equipa pluridisciplinar e internacional.

Pretende-se explorar os diversos momentos do projecto e aprofundar os seus respectivos temas de desenho, numa tentativa de os analisar criticamente como processo criativo contínuo e propositivo.

Assim, o principal objectivo é desconstruir a complexa teia de relações entre método de trabalho, premissas de desenho e os seus resultados arquitectónicos. (1)

EQUIPA:

Na compreensão da arquitectura contemporânea é fundamental equacionar e interpretar como uma equipa, formada por gabinetes de origens culturais/geográficas e identidades arquitectónicas distintas, formula uma proposta arquitectónica coerente e com forte identidade.

O processo de trabalho **integra** sete gabinetes. Três de arquitectura: um britânico, David Chipperfield Architects, um suíço, Harry Gugger Studio e, um belga, Robbrecht en Daem; duas equipas multinacionais para as áreas das engenharias e paisagismo: Ove Arup e Vogt Landscape Architects; e, dois escritórios britânicos especializados em questões de domínio público e orçamentação: Publica e alinea.

A equipa, liderada pela associação Arup e DCA, apresenta-se assim, como um conjunto de gabinetes de autor com uma linguagem identitária própria e, com trabalho reconhecido internacionalmente.(2)

CONCURSO:

O concurso para o Queen Elizabeth Olympic Park tem como objectivo repensar uma frente urbana – Stratford Waterfront, com 350 metros de extensão, com um programa multifuncional que cumpre uma área total de construção de 175 000m².

O processo do concurso desenvolve-se ao longo de 4 meses começando em Janeiro de 2015, com o lançamento do brief; a entrega das propostas em Abril e com uma apresentação final em Maio.

Dentro dos temas prioritários do concurso inclui-se o compromisso de transformar parte do parque olímpico dos Jogos de 2012 numa plataforma

educacional e cultural de destaque internacional. Através da integração de habitação, de um Espaço Cívico, de um Espaço de Orientação, de três Instituições Culturais, de Instituições Adicionais, comércio, restauração e bares, tem como principal desafio criar as condições certas para as disciplinas artística e científica e estimular a relação com as comunidades próximas e a cidade de Londres.

O concurso organiza-se em duas etapas:

Primeiro, a pré-selecção das equipas: de 43 candidaturas foram escolhidas 6 equipas pluridisciplinares, formadas por 52 gabinetes;

Depois, as 6 equipas finalistas são convidadas a apresentar as propostas conceptuais. (3)

PROCESSO DE TRABALHO

O trabalho desenvolve-se em três fases:

Primeiro, a procura de uma estratégia para o masterplan;

Segundo, a fixação de uma estratégia - preparação do workshop intermédio;

Terceiro, o desenho dos edifícios.

1. PRIMEIRA FASE – ESTRATÉGIA PARA O MASTERPLAN

Esta fase organiza-se em dois momentos, estruturados a partir de um conjunto de reuniões e workshops, e definidos pelo local onde se realizam.

Tem como objectivo encontrar os temas arquitectónicos preliminares – a estratégia – para o masterplan, as ideias que ajudam a guiar os gabinetes no desenho das partes que contribuem para a proposta. Para isso, incentiva-se a experimentação e a procura para além da primeira proposta. Promove-se o espaço para desenvolver as ideias, essencial para conquistar o tempo de problematizar o lugar, o programa, o desígnio da encomenda e o significado da proposta. Através de um processo de sobreposição das ideias, em que nenhuma é descartada, pelo contrário, contamina o processo de trabalho, ajudando a perceber quais os caminhos a seguir. (4)

1.1 PRIMEIRO MOMENTO – LONDRES

No primeiro momento, em Londres, dá-se o contacto inicial com o cliente, o programa e a equipa. Tem lugar a primeira reunião, no escritório do DCA, em que se analisa o concurso em conjunto e, se começam a definir algumas ambições preliminares.

1.2 SEGUNDO MOMENTO – LONDRES, BASILEIA, GENT

No segundo momento, o trabalho é desenvolvido à distância, cada gabinete em sede própria – Londres, Basileia e Gent. A informação encontrada e produzida partilha-se através da internet, essencialmente a partir de reuniões que se realizam semanalmente. Nesta fase, o trabalho desenvolve-se na dualidade investigação/experimentação.

Investigam-se as instituições – a história, os edifícios existentes, as actividades e os intervenientes, a encomenda e as ambições futuras, e procuram-se as referências arquitectónicas e programáticas; ao mesmo tempo que se formulam diversas propostas conceptuais para o masterplan. A discussão dessas propostas organiza-se em quatro reuniões:

Na primeira e na segunda participam apenas os três gabinetes de arquitectura. No início, faz-se uma aproximação diagramática às questões fundamentais: qual a relação entre as várias peças do programa? Qual a identidade da composição? Quais as oportunidades do concurso?

Depois, abordam-se os problemas através de duas propostas arquitectónicas, é o primeiro contacto com os problemas geométricos do lugar e do programa.

Na terceira e quarta reuniões participam todos os gabinetes. A partir deste momento estes encontros passam a ter um carácter mais de workshop, em que se dá a conhecer o trabalho desenvolvido até à data e se discute o modo como se relaciona com as ideias de cada gabinete.

Assim, Arup, Vogt e PUBLICA concentram-se na análise do lugar e do concurso: importância desta parcela no conjunto, ligações, acessos, usos, história, tipologias espaciais (natureza dos espaços), limitações,

Enquanto os gabinetes de arquitectura experimentam estratégias volumétricas e desenvolvem temas conceptuais.

Destacam-se as ideias de **Monólito** e **Framework** como dispositivos de análise do funcionamento das diferentes partes; as ideias de **ruptura de limites**, de “**de dentro para fora**”, da tríade **revelar/ expor/ informar**, e de “**loop de produção**” como uma reflexão sobre as relações entre as instituições e as comunidades, e do **Espaço Público como uma Quinta Entidade**, no entendimento do espaço público como componente fundamental da proposta. (5)

2. SEGUNDA FASE – LONDRES (REUNIÃO PREPARATÓRIA E WORKSHOP)

Na segunda fase do trabalho, em Londres, fixa-se uma estratégia para o masterplan e, destacam-se dois momentos: o workshop intermédio com os representantes dos vários clientes do concurso e, a reunião preparatória que o antecedeu.

Nesta reunião preliminar, por ser necessário e, por estarem reunidos os fundadores dos gabinetes, formula-se, pela primeira vez, uma proposta única para os três gabinetes. Tendo como ponto de partida as ideias mais fortes e pertinentes das três propostas desenvolvidas à priori, elabora-se uma quarta, que as sintetiza e reforça.

Já no workshop intermédio, a equipa percebe que a estratégia adoptada vai de encontro à ideia do cliente: os comentários e reacções acrescentam complexidade à proposta sem a desvirtuarem. (6)

3. TERCEIRA FASE – DESENHO DOS EDIFÍCIOS

Na terceira fase do trabalho, as preocupações voltam-se para o desenho das partes – ou seja, dos edifícios que correspondem às instituições e à habitação. Fica decidido que a coordenação do masterplan fica a cargo dos líderes da equipa (DCA). E que, cada gabinete de arquitectura é responsável por um número desses edifícios. Ao DCA cabe desenhar as duas extremidades (o museu e a habitação), o HGS fica a cargo do teatro e do edifício para as Instituições Adicionais, e por fim o RD fica com o desenho da Universidade.

O principal desafio desta fase do trabalho é garantir que não se perde a artisticidade da estratégia e do processo de trabalho, à medida que o desenho se torna mais complexo e técnico, com a introdução gradual das condicionantes programáticas e de normativa.

No final deste período do trabalho, são entregues todos os documentos que se acham necessários para uma compreensão correcta da proposta: renderings, diagramas, maquetes, textos e, desenhos técnicos – plantas, cortes e alçados.

O último momento do trabalho consistiu na reunião de clarificação da proposta ao cliente. Após a entrega das propostas é dada oportunidade a cada uma das seis equipas de, num período de 30 minutos, apresentarem o trabalho na primeira pessoa, e um período de perguntas e respostas. (7)

CONCLUSÃO

- Identifica-se a importância do trabalho em equipa na arquitectura contemporânea.
- Evidencia-se o processo de contaminação estimulado pelo intenso método de trabalho, em que não se coloca em causa a técnica, antes se comprova a artisticidade das propostas.
- Destaca-se o modo de entender o trabalho em equipa – que não retira a liberdade criativa, antes fomenta a inovação e experimentação.
- A complementaridade na discussão e confronto das ideias desenvolvidas por equipas distintas em paralelo como capacidade de ampliar - desdobrar - o tempo.
- A identificação de uma liderança autoral que encerra a diversidade como forma de reforçar a sua identidade arquitectónica: pessoa e/ ou grupo.